

O Cambarro

TUDO PELA LIBERDADE



NUM. 1385

4ª-FEIRA

23 DE JULHO DE 1902

DIRECTOR: - PAULINO VARES

Administrador: - A. Pereira dos Santos

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

RIVERA

REPUBLICA O. DO URUGUAY

FOLHA DE MAIOR CIRCULAÇÃO NA FRONTEIRA

G. Silveira Martins

Passa hoje o primeiro luctuoso anniversario da sentida morte do nosso laureado amigo e Mestre, Gaspar Silveira Martins, chefe querido da democracia brasileira.

Este rio-grandense tornou-se tão grande em vida que não coube mais na patria, depois do advento d'essa Republica mesquinha, vergonhosa, titubente, e corrupta — em tudo tão differente do que seus precusores annunciavam.

Mesmo depois de exalar o ultimo suspiro, ficaram seus preciosos restos em Montevideo, porque os republicanos da terra natal, que elle tanto amou e enalteceu, não soffriam calmas que a alma popular cultuasse com liberdade e amor, a memoria inesquecivel e veneranda do illustre morto — por certo a gloria mais fulgente de todas quantas constellam nosso céo.

As exequias do trigessimio dia, após seu fallecimento, foram um panno de amostra.

Sabem todos que em Cruz Alta e Soledade, uma cidade e uma villa do interior do Rio-Grande, o espirito de intolerancia transbordou, faltando quasi nada para explodir em tragicos successos.

No Congresso echoaram, é certo — vozes de adversarios radicais, fazendo justiça posthuma ao immortal brasileiro; e a imprensa tambem reconheceu e proclamou unanimemente, em vibrantes e luminosos artigos os patrioticos serviços, bem como a clarividencia mental e politica do malogrado Estadista.

Messias das liberdades publicas legou á patria escravizada o Evangelho da futura redempção; por enquanto seus discipulos e apóstolos atravessam o longo periodo do martyrio, após tanto sangue derramado — ainda são perseguidos e apedrejados — mas a ideia avança, ganha as consciencias, estende dia a dia o imperio de seu irresistivel dominio, e vencerá superando todos os obstaculos oppostos pelo ferrenho despotismo.

Os que divinizam a obra execranda de Floriano, não podem sustentar: artigos laudatorios, burilados com insolito primor; discursos flammeantes de rethorica; bustos artisticamente engrinaldados; fitas com inscrições douradas; riquissimos ancores; procissões civicas; musicas; pompas deslumbrantes — tudo mentira, tudo vaidade...

Não é com taes demonstrações que se governa um povo, falto agora de liberdade, mas que já teve a supremacia dita de gozar tempos felizes.

A Republica estremece, e os republicanos presidencialistas, divididos e subdivididos, appellam ás claras, sem rodeios nem ambages, appellam directamente — para a revolução e para a dictadura...

«Os homens são sombras que passam; só as ideias, só a liberdade e o direito são eternos.»

Quem o disse estava no caso de ser o Washington, ou melhor dito o Thiers da patria brasileira; não o

quizeram em vida, pois bem, ali está o federalismo que, depois da sua morte, inspirando-se nos seus ensinamentos cantará victoria.

A Republica não está consolidada. Floriano foi apenas um soldado, sem convergencia intellectual — para doptar o paiz com instituições duradouras, taes como as delineou o pujante cerebro de Silveira Martins.

Deifiquem quem a n t o quizerem o Marechal vermelho; as benções da patria agradecida, a justiça da historia, e a verdadeira coroa de glorias — hão de afinal ornar perpetuamente o tumulo do tribuno rio-grandense.

A intrepida Tribuna, de Santos, tratando da falada organização de partidos nacionaes, refere-se da maneira seguinte ao Partido Republicano Federalista.

Com a transcripção do artigo da Tribuna, nada mais precisamos dizer em honra da memoria do Mestre — fidal de nossas esperanças:

«Passando em revista os successos que se tem desdobrado no scenario politico da Republica, observa-se que neste regimen apallado e ridiculo, só um estudo tomou ao serio os seus deveres e manteve, illesa e immaculada, a sua attivez: foi o Rio Grande do Sul.

Alli é que uma parte do povo se levantou para combater, em todos os terrenos, o despotismo e a barbaria, preferindo a morte com honra á vida com ignominia.

Foi nesse estado que se arvorou a bandeira do federalismo, empunhada e amparada pela intelligencia superior, pela energia mascula e pelo caracter indomavel do immortal chefe Silveira Martins, porventura a organização politica mais tenaz, mais independente e mais desassombrada que soube enfrentar esta Republica de corrillos e de torpezas.

No partido federalista não havia apenas principios, doutrinas, programmas, convicções; havia tambem, como ainda ha, essa coragem inextinguivel e heroica, que inflama os corações e arma os braços para defender o direito, a justiça e a liberdade onde quer que periguem e o apoio do patriotismo sincero e leal se faça sentir.

Foi no Rio Grande apenas que se organizou um partido — e é ainda nelle unicamente que ha uma agremiação partidaria, com chefes destemidos, soldados arregimentados, imprensa fornídavel e terível, disposta a combater sem treguas, sem desfallecimentos, sem hesitações, dando assim o exemplo unico de um povo viril e forte, que comprehende os seus direitos e sabe mantel-os.

A dissidencia paulistana quiz absorver o federalismo; mas o federalismo, que pôde transigir para fins de ordem geral, tem uma vida propria e subsistirá sempre, ainda mesmo sobre as ruinas da dissidencia aniquilada. A dissidencia acabará a sua vida enfesada, rachitica, sem energias e sem aptidões: e o federalismo rio-grandense continuará cada vez mais forte, mais querido, mais respeitado, correspondendo a uma das aspirações mais aleitadas e mais patrioticas da nação brasileira.»

P. G.



SILENCIO!

Silencio! não turbeis nossa quietude!
— A quietude da dor e da saudade;
Choramos debruçados no ataudão
Do insigne campeão da Liberdade!

Silencio! não turbeis nossa amargura!
— Nós choramos a morte do Leão;
Nós sentimos a immensa desventura
Que nos veio ferir no coração!

Silencio! Que esta dor que a Patria encerra
O echo nos repete em som plangente
O auri-verde pendão da minha terra
Parece balançar-se tristemente!

Silencio! Não turbeis a voz magoada!
— A Deusa Liberdade está chorando...
As palmeiras gentis da Patria amada
Parece que se agitam soluçando!...

Silencio! não turbeis a voz plangente
Da Patria que se sente dolorida!
Qual será o Rio-grandense que não sente
No coração aberta uma ferida?!

Silencio! não zombeis de nosso pranto!
— O pranto que nos sangra o coração
Foi o grande tribuno amado tanto
Que não ha p'ra nossa dor consolação!...

Silencio! Não zombeis da dor enorme!
— A dor amargurada da Saudade!
Nós choramos no tumulo em que dorme
O insigne campeão da Liberdade!...

Silencio! Respeitae a nossa dor!
— A amargurada dor que nos consome!
De Silveira Martins, o luctador,
Para sempre abençoado será o nome!...

Silencio! Não turbeis nossa quietude
— A quietude da dor e da saudade;
Choramos debruçados no ataudão
Do insigne campeão da Liberdade!...

23 - 7 - 902.

Arbues Alvarez.

O GRANDE MORTO

Do illustre amigo e correligionario Sr. Tenente Coronel Paulino Vares Imperterrito Director do O CAMBARRO

Ao aproximar-se o primeiro anniversario da morte do nosso querido Chefe, e grande amigo, o Conselheiro Gaspar Silveira Martins, sinto minha alma dilacerada por essa dor irremediavel e inextinguivel, que amargura a Patria, o Rio Grande do Sul e o Partido Federalista principalmente.

Sob tão angustiosa influencia escapou de minha penna estas linhas, que peço-lhe a fineza e honra de inserir na ultima columna do O CAMBARRO que for editado no luctuoso dia.

Ellas são sinceras, porque brotão de coração grato e amigo; são justas porque exprimem a verdade; são necessarias porque traduzem o cumprimento do dever.

Mais do que palavras, mais do que conceitos, os factos, os acontecimentos politicos que se tem desen-

rolado, evidenciam a grandeza da catastrophe que feriu a Nacionalidade Brasileira, que tinha em Silveira Martins — a sua esperança e a sua mais fulgente gloria.

Não devia morrer tão cedo o preclaro estadista, o patriota sem par. Esta phaze de opprobrio, de miseria, de intolerancia e de oppressão, que jugula, comprime e deprime o Paiz e mihi especialmente o Rio Grande, reclamava a conservação de sua preciosas e fecunda existencia para defender as liberdades publicas e salvar a Patria...

E a salvaria, porque tinha previsto os perigos que a ameaçavam, e ameaça-n'a ainda, indicado o remedio salvador, e consagrado o seu pensamento, o seu esforço e a sua vida á consecução de seus patrioticos intuitos: a victoria de seu ideal.

Proclamada a Republica e estabelecido o regimen presidencial, Silveira Martins, com admiravel segurança affirmou que os demolidores do Imperio tinham commettido, mais que um grave erro, um crime, adoptando e impondo uma reforma politica, não elaborada pela Opinião Publica, e cuja iniciativa d'ella não partiu.

Silveira Martins assegurou que não podia ser feliz o Povo Brasileiro, servido por instituições contrarias á sua indole, aos seus costumes, á sua tradição e ao seu espirito.

Affirmou ainda, convencidamente, que só a Republica Parlamentar, poderia levar a Nação ao caminho da felicidade e da grandeza.

Com relação ao Rio Grande do Sul, sua terra natal, erão mais tristes as suas apprehensões, e mais acabrunhada a sua preocupação, porque lhe foi dada organização tyranica, e foi tratado selvaticamente.

A Constituição que se lhe dictou, essencialmente comitista e aberratoria da Federal, arrancou de vez as liberdades existentes, e reduziu o Povo rio-grandense ao mais ignobil captivo.

Era mister, era urgente, redimil-o, emancipal-o.

Silveira Martins não vacillou um só instante em metter mãos á obra e levar avante a «Santa Cruzada»?

Collocando-se á frente de seu Partido, então augmentado e reforçado pelos mais prestigiosos chefes do Conservador e sob a denominação de Partido Federalista, desfilou a sua bandeira de combate — Republica Parlamentar, e compendion as suas idéas no programma de 92, que foi approved e promulgado pelo memoravel Congresso do Bagé.

Empenhada a lucta no terreno das idéas o chefe da seita positivista, a quem estava entregue o governo do Estado, o Dr. Julio Prates de Castilhos, sentindo abalar-se a sua «Bastilha» poz em acção a mais abominavel das perseguições ao Partido Federalista.

Uma horda de assassinos surgiu como por encanto e começou a dar morte, sem treguas, aos adversarios da situação.

Os detentores do poder e os agen-

tes das funções publicas, converterão-se em «magnas societas sceleris» a espalhar o lucto e a dor por todos os angulos do Rio Grande do Sul.

Silveira Martins então, que dizia sentenciosamente. «Que não se devia derramar uma só gota de sangue por nenhum systema politico, porque a liberdade não era incompativel com qualquer d'elles», foi compellido a tomar armas para defender a vida e a liberdade de seus patrioticos, e atacou vigorosamente a tyrania rio grandense, que só não foi vencida pela gloriosa revolução de 93, porque o Marechal Floriano Peixoto arvorando-se dictador, arrojou contra o Exercito Revolucionario rio grandense, o Exercito Nacional e todos os elementos e recursos que ponde arrancar e obter do resto do Paiz.

Accepta a paz que lhe foi offerecida pelo honrado Dr. Prudente de Moraes, successor na Presidencia da Republica do Marechal Floriano Peixoto, o cruel, o Conselheiro Silveira Martins voltou á lucta pacifica no terreno da discussão e das ideias.

Comprehendendo que o programma federalista não tinha o caracter de politica nacional, rezolven escoimnal-o d'essa falta, e convocou novo Congresso do Partido, que se reuniu em Porto Alegre no anno de 1896.

Ahi propoz elle ampliar-o, additando-lhe um capitulo referente á Politica da União Brasileira, sem contudo modificar o primitivo — o de Bagé.

Depois de larga discussão foi aprovada a proposta do eminente Estadista e adoptado e promulgado como definitivo o seu programma, assim augmentado.

Não ponde entretanto, o Chefe querido fixar residencia no seu Estado Natal, porque a dictadura scientifica o condemnou á morte, e tentou eliminall-o...

Conservou-se na Republica Oriental, onde sem descanso, sem desfallecimentos consagrava o seu pensamento e o seu trabalho á salvação da Patria e á reivindicção da liberdade de seus patrioticos.

Por seu turno o castilhisismo attingia o delirio...

A sua palavra de ordem era, e é — a eliminção dos adversarios.

A seita tornou-se insaciavel no prazer depravado do beber o sangue de seus irmãos. Silveira Martins multiplicava os seus esforços para resgatar o seu Rio Grande das mãos crispadas de seu terível oppressor.

N'essa nobre e patriotica tarefa, quando considerava certa e segura a victoria de seu ideal em breves dias, o sorprehendeu a morte no dia 23 de Julho do anno passado, contando 66 annos de idade, no vigor pleno de sua util, fecunda e extraordinaria mentalidade.

Poucos mezes antes do infanso passamento recebera o invict o chefe consideravel contingente de dissidentes da Politica do Sr. Julio Prates de Castilhos, que acceptarão as suas

operada a sua transformação consubstancial, atribua para si todas as raízes da democracia, que talvez tenha criado; em todas as posições, que se abateram diante delle para que elle entrasse sem subtrahir todos os papéis que desempenhou, Silveira Martins foi sempre unido, differente de todos os males; possante e solido, sublimado e irresistivel, natural e inventivo como uma tromba ou um cyclone.

Elle é o seu proprio edificio, sua propria clay; e sempre se apresenta limitado de sua individualidade, da sua individualidade, dos seus triumphos derrotados e da justiça por elle mesmo e depois homologada pela massa obediente, como o gáudio resplandecente nos Pampas, onde, no horizonte infinito, nada vem interceptar, oprimido e seu largo leito. E, em uma palavra, uma figura fundida no molde em que a imaginação produz, sem avaria e sem crepescos. E' o Santeiro do Imperio. Desde logo é preciso contar com elle, que é, nesse momento, o que em politica se chama polo, isto é, as pequenas parcelas de povo que se occupam de politica. Quando o espirito que elle encarna e deita e vai além e se eleva e se eleva contra elle mesmo e outras figuras, elle está tão insistentemente odiado pela revolução quanto fora antes querido; mas em um tempo, entre 1888 e 1878, foi elle em politica o polo de tudo que tinha a aspiração republicana, que sentia a angustia, a vibração democrática, e, como Bolo, o seu creio.

Antes de mais, elle está, talvez, dos nossos politicos o mais conservador, em deixar de escrever sobre os que entraram em contacto com elle o magnetismo da sua personalidade.

Ninguém, entretanto, pôde commandar dos grandes movimentos em sentido contrario; e um no sentido da revolução e outro no sentido da autoridade, e assim, apesar de seus grandes esforços, impotente para a revolução, e a significação da passagem de Silveira Martins pela nossa historia contemporânea ficará sendo o impulso, o vigor extraordinario que a sua eloquencia inflammasse, o seu corpo dantoniano, o seu accendido sobre as multidões, impellido ao espirito de revolução de 1888 a 1878, e que elle em vãos esforços depois para reprimir. Deixa a parte de sua modéstia elle, porém, não tem que se arrepende.

Em uma sociedade tão vigorosa, homine como elle, qualquer que fosse a exageração de suas primeiras idéas, a prematuridade do seu ideal inconfessado, não teriam feito ainda tempo não ter elle mais tarde podido contrabalançar, com a imparcialidade, a justiça e a elevação da razão de Estado, a que tantas vezes quasi o subito attingiu no Senado, o impulso, o effeito da primeira attitudão, prova que a politica, quando elle appareceu, já levava o rumo da a marcha, e que sem elle a historia das instituições teria sido escripta tal qual foi, apenas com uma poderosa e original figura de menos.

De Actualidade

Nunca foram de mais actualidade do que agora as trez transcripções que em seguida fazemos: O programma parlamentar de 23 de Agosto de 1890, o discurso do notavel discursor proferido pelo eminente tribuna Gaspar, Silveira Martins, no Congresso politico de Porto Alegre, e o manifesto que o Directorio transmittido do Partido Federalista deo ao partido logo após ao fallecimento do Grande Chefe da democracia brasileira.

Todos os bons federalistas devem ler e meditar sobre essas trez importantes peças politicas.

Eil-as:

O PROGRAMA

- I Republica parlamentar.
- II Eleição do presidente pelo Congresso Nacional.
- III Reforma da bandeira nacio-

nal com abstracção suppressão do lema da religião anti-christi de Augusto Comte.

IV Os militares em actividade não poderão votar; no caso de serem eleitos, só poderão exercer a função politica mediante posita renuncia ou demissão do serviço do exercito.

V Nomeação pelo primeiro magistrado da Republica, de um delegado politico em cada Estado, encarregado de fiscalizar o cumprimento de todos os serviços no cargo da União, de modo que a par da descentralização administrativa, haja a centralização politica, tornando forte e respeitável o governo federal.

VI Interrupção voluntaria do governo federal, independente de reclamações dos governadores dos Estados, no caso de guerra civil.

Em resumo a politica do Estado, a manutenção do programma elaborado pelo Congresso de Bagé em 31 de Março de 1892, que é o seguinte:

I Substituição da Constituição actual do Estado por uma Constituição republicana representativa, modelada segundo os principios do governo parlamentar.

II Eleição do presidente por quatro annos, não podendo ser reeleito para o periodo seguinte.

III Eleição da Camera pelo periodo de quatro annos, por districtos electores, voto incompleto, e renovação do mandato biennalmente por metade.

IV Inicialmente do governo e Camera na apresentação das leis, com excepção das que competirem exclusivamente a esta.

V Autonomia municipal.

VI Poder judiciario do Estado: juizes municipales ou districtos nomeados pelo governo municipal; juizes de direito nomeados pelo governo do Estado, conforme as determinações da lei.

VII Liberdade de imprensa, sujeito o julgamento das publicações ordinarias.

O DISCURSO

O Sr. SILVEIRA MARTINS, ao levantar-se, é saudado por estrepitosa salva de palmas e aclamações.

Comega dizendo encoberto de jubilo aquella reunião, por ser a prova evidente de que o Partido Federalista quer ainda governar como governava. Aquelle que entre nós preside uma reunião, preside-a, porque representa a vontade de todos, como a nação deve ser governada por si propria, isto é, por aquelle que seja a expressão do consenso geral.

Lamenta que seu illustre amigo conselheiro Henrique d'Avila não houvesse concluido o seu discurso, porque desejava acompanhá-lo em sua oração, fazendo as reflexões que a experiencia lhe aconselhasse.

Falla sem odio e sem paixões como si fora um estrangeiro que no nosso paiz todo observa á luz de um criterio imparcial. Não ouve as instigações do amor proprio que tem sido e mal dos nossos compatriotas, subordinando a esse sentimento as elevadas inspirações do patriotismo.

Os partidos precisam organizar-se, porque a democracia precisa da luta dos partidos, que fiscalizam os governos e equilibram o jogo dos grandes interesses da sociedade. E' preciso que haja cidadãos livres, no gozo de seus direitos civis e politicos, para que possa haver uma patria. Não ha patria com escravos e sim com cidadãos.

O chefe de um Estado deve ser eleito por um partido, em nome de principios e de idéas; mas, de posse do governo, não pôde ser mais um chefe de facção, porque elle não vai ali advogar os interesses do seu partido e sim os do paiz que o elegeu.

Discorda da opinião do conselheiro Henrique d'Avila no tocante á organização partidaria. O partido não pôde ser formado por todos, porque um partido precisa ter pro-

gramma, ter idéas, e só pôdem pertencer aquelle os que estiverem de accordo com esse programma e com essas idéas.

Os partidos precisam de diretores, porque é do combate dos principios que nasce o equilibrio. Para estabelecer o necessario e choque de forças contrarias, como acontece com os astros, onde o equilibrio geral é mantido pelo embate das forças centrifuga e centrípeta.

Também não está de accordo com o Dr. Wenceslau Escobar quanto ao adiantamento da propaganda para a revisão da Constituição Federal. Não somos governo; precisamos pôde, ter um programma para quando o formos.

O programma de um partido é a nossa vida; e o programma de um governo é limitado. O primeiro pôde levar vinte annos para ser redigido; o segundo pôde ser redigido em pouco tempo.

Quanto ao Estado não temos uma Constituição e a reforma tem uma constituição a substituir.

Tal pensamento já foi apresentado ao Congresso de Bagé, já está formulado em uma resumida esboço, e já foi consagrado pela revolução, e pela maioria do povo rio-grandense.

Temos hoje a trepar o nosso programma quanto á Constituição Federal, que é um magnifico mal organizado.

Quêrê ver?

Ali está o caso da Escola Politécnica. O governo emprega varios leites; estes recorrem para o poder judiciario, que prevê o recurso; o governo mantém o seu acto; e o juiz seccional sustenta o mandato de manutenção em favor dos recorrentes. Quer isto dizer que temos o caso de um juiz seccional casando decretos do supremo magistrado do paiz.

Outro exemplo: a questão dos protocolos italianos, que está ocasionando uma crise. Si os protocolos fossem nos camaras, a nação julgaria offendido em seus bríos e tentaria a commoção interna; si não passa tempo o descontentamento de uma nação estrangeira e o presidente de Republica ficará desprestigiado pela desapprvação do seu acto.

Como continuar elle no governo, depois de assim desprestigiado, sem autoridade para negociar outros actos com as potencias estrangeiras, que não terão confiança na sua autoridade?

Em regimen parlamentar qualquer ministro renunciaria a sua pasta.

Entretanto, se vivessamos em um regimen parlamentar tudo estaria sanado: sahiriam os ministros que não pudessem continuar, viriam outros; e, em qualquer caso, a autoridade do primeiro magistrado da Republica não soffriria com o attrito.

A Republica precisa ser consultada, não porque deve temer os monarchistas, mas porque os republicanos que a constituíram tinham pouco republicanismo na alma.

A patria precisa de um symbolo, que é a sua bandeira. Entretanto, os fundadores da Republica foram esculher para symbolo da Patria um lemmata que não representa as nossas tradições, que é apenas o lemmata de uma reduzida seita.

Quizeram lisongear uma religião e foram procurar uma que é professada apenas por insignificante minoria do paiz.

Então, mais justo fora sagrar a religião catholica, porque esta é a religião do povo brasileiro.

O comtismo é uma religião civil, sem Deus e sem moral.

Em politica, o ideal de Augusto Comte é o czar da Russia, o sultão da Turquia, o despotismo, o absolutismo.

E é estranho que se fosse procurar esta religião sem Deus e sem moral, quando todos os povos a repellam.

Os allemães, nos supremos momentos de perigo, invocam o seu Deus, em canticos cheios de unção e de fé; o marinheiro, quando a tem-

pestade surge e o barco se desvanece, elle só, no meio da escuridão da noite, não podendo appellar para a vinda do oceano, apella para a infinita grandeza do seu Deus, suplicando o creador de todas as coisas.

Só a Republica quer uma religião, mas uma religião sem Deus.

Ainda agora, durante a guerra, o orador não significava carta, escripta por official revolucionario a um seu irmão, depois da batalha do Sarro de Ouro. Dizia elle que, depois da luta e de mil perigos, se entrava numa casa e ao ver ali um altar, alguma coisa de estranho, de inexplicavel se passava no seu espirito agitado.

A religião é uma força dos governos. E foi por isso que haquearam Napoleão I, José II da Allamania e finalmente Bismark, quando foram levar a guerra aquelle que elles consideravam prisioneiro, no Vaticano.

Venceu esse prisioneiro, que tinha o espirito divino, a fé e o patriotismo.

Não pôde, portanto, continuar em nossa bandeira esse lemmata, que é o lemmata de uma resumida seita, não uma religião de um povo.

O orador tem sido victima de calumnias e de intrigas quanto ao seu modo de pensar sobre o exercito.

Tudo se tem dito e, entretanto, não haverá no paiz quem seja mais amigo do exercito do que elle orador, que apenas o que quer é vel-o forte, disciplinado, respeitavel, que seja o mimio, a gloria, o orgulho da patria, como na França.

Chamam-no inimigo do exercito, quando certo que o orador não seguiu a carreira das armas, unicamente por falta de vista, pois nasceu quasi cego.

A França tem sido por nós imitada em muita coisa. Não foi, porém, no tocante á organização do exercito, pois é sabido que ali o militar não pôde votar nem ser votado.

O orador tem recebido muitas adhesões de militares nesse sentido. Não querem essa medida os rethoricos, os que preferem viver nas camaras a viver na fileira.

As pragas do paiz não se dá o direito de votar, ao passo que o tem as officinas, constituindo isso uma exclusão e um privilegio que não se comprehende porque a Republica não admitte privilegios.

Si a praça não pôde votar por medida de disciplina, então porque não fazer o mesmo com os officiaes quando é certo que a disciplina deve vir de cima para baixo?

A politica é o regimen da disciplina; o exercito é o regimen da disciplina, incompativel com aquelle, para que tenentes e capitães não andem interrompendo e consorciando ministros e outros funcionarios que não seus superiores hierarchicos.

O exercito deve ser forte e disciplinado, afim de que, na occasião precisa, a nação possa fundir o canhão e a bala de artilharia, para atira-lo ao peito do inimigo.

Tudo mais é a anarquia, a desordem.

Ainda agora mostraram ao orador um protesto firmado por quatro alferes do 8º regimento de cavallaria.

Explica o incidente dizendo que, em Pelotas, seguia com o conselheiro Maciel quando um desses alferes muito excitado, acercoou-se-lhe dizendo-lhe que não podia contar com o 8º regimento.

O orador, por consideração ao commandante deste corpo, que é um distincto official, não perguntou ao alferes desde quando estava elle commandando o 8º; para assim fallar com tal autoridade.

Disse-lhe, porém, que não contava com qualquer outro regimento, porque entende que só o governo, que só o paiz deve contar com todos os regimentos, com todo o exercito, que é da nação e não dos partidos.

Alguns correligionarios censuram o orador por ter estas idéas e expri-milas com franqueza.

Que importa se isto é o direito, e

se o que é direito deve sempre ser dito?

Diz que os organizadores da Republica fizeram a descentralização, idéa que não era nova, porque o partido liberal já a havia agitado no tempo da monarchia.

O orador não quer que se tire aos Estados o que de direito lhes compete.

Mas quer que se corrijam os excessos, para evitar os males que podem provir.

Falle-se muito na patria mineira, na patria pernambucana, e principalmente na patria paulista, ao passo que pouco se falla na patria brasileira, que é a de todos nós.

E' preciso vivificar no espirito do povo o sentimento de amor pela nacionalidade common.

No passado, a patria unida e grande foi libertar o Estado Oriental da tyrannia de Oribe; a Republica Argentina, da tyrannia de Rosas; o Paraguay, da tyrannia de Solano Lopez.

Foram conquistas de todo o paiz, em communidade de esforços e sacrificios.

Pois é preciso que continuemos a ter uma grande patria, em vez de termos vinte pequenas nacionalidades.

O orador quer a descentralização administrativa com a centralização politica.

Para isso, propõe a criação de delegados geraes que serão os fideles do governo da União junto aos governadores dos Estados, a exemplo do que se faz na Prussia, o paiz mais bem administrado de mundo.

Quer estes correctivos, que serão de vantagem, como não de concordar os proprios adversarios, que o orador faz justiça de reconhecer que também são patriotas.

Outro mal a corrigir é o processo da eleição presidencial.

E' o nosso o unico paiz em que essa eleição é feita pela massa popular.

Um milhão de ignorantes não faz um sabio.

Entende que a eleição presidencial deve ser feita pelas assembleias estaduais, ou então pela camara e senado reunidos.

Quer também que os ministros sejam responsaveis, sabendo das camaras e sendo sujeitos á reeleição, porque assim se estabelece o regimen dos mais capazes.

Dizão talvez que os ministros, apesar de tudo, sempre serão reelectos.

O orador lembrará que no tempo do imperio muitos não conseguiram selo, como Pedro Luiz, Paula Souza, Portella e o proprio visconde do Rio Branco, além de outros.

Outro defeito cardinal de que somos victimas no Rio Grande é a falta de acção do governo central.

O orador quer a intervenção do governo federal, mesmo independente de requisição dos governadores, porque não é justo que a União assista indifferente ao esphacellamento de um Estado.

Refere-se á pacificação pela qual o governo do centro prometteu todas as garantias aos revolucionarios, mas não pôde mantel-as porque o seu delegado, que é o commandante do districto, não pôde, pelo systema actual, intervir no sentido de fazel-as effectivas.

O presidente da Republica, honra lhe seja feita, tem boa vontade, mas não pôde mostrar (com ironia) que o poder é o poder.

Peder que faz decretos, mas não pôde fazer respeitar esses decretos, é sombra de poder, não é poder.

Falla tambem na organização dos municipios. E' preciso que haja boa distribuição de poderes, e hoje todos os poderes, pela Constituição rio-grandense, estão concentrados nas mãos do presidente do Estado.

Com essa Constituição um presidente bem intencionado, eminentemente superior, podia fazer muitos beneficios, porque tudo elle pode.

Entretanto, pela mesma razão, pode fazer muitos males, o que é mais provavel, porque um Washing-

ton é um phenomeno na vida do povos, e mais frequentemente apparece um Henrique IV, que tanto infelicitou a França por que tanto fez uso de seu absolutismo.

São estas as idéas que o orador apresenta ao congresso, certo de que ellas se tornam necessarias para fazer da Republica uma instituição benefica e duradoura. (O orador, que fôra a cada passo interrompido em seu discurso, é ricamente aclamado ao terminá-lo.)

O MANIFESTO

O directorio do partido federalista, ainda sob a dolorosa impressão da perda irreparavel do venerando chefe, o grande brasileiro Conselheiro Gaspar Silveira Martins, vem dirigir aos seus correligionarios os protestos de seu amargurado pesar.

Aproveitando este meio de publicidade, vem tambem pela ultima vez dirigir-se ao partido que lhe delegou poderes em 23 de agosto de 1890.

O directorio federalista, honrado com os poderes que lhe foram confiados pelo Congresso que se reuniu nesta Capital, fortalecido com a confiança e conselhos do preclaro Chefe, cujo passamento o Brazil inteiro chorou, está convencido de ter, em patriotismo e abnegação, cumprido os deveres inherentes ao alto posto que occupou por espaço de cinco annos.

Facil foi a este directorio durante esse quinquennio, doloroso para a liberdade do povo gaúcho, o desempenho da sua missão por ter sempre os conselhos do illustre chefe suprido a sua incompetencia.

Hoje, porém, que não mais vê no scenario politico da Republica o vulto agigantado do maior tribuna brasileiro, que a sua palavra, sempre inspirada em ardoroso patriotismo, não mais nos vem alentar, sempre este directorio o dever de assumindo toda a autoridade na direcção do partido federalista, dirigir aos seus co-religionarios os conselhos que o patriotismo dicta e que a memoria veneranda do grande chefe inspira.

Proseguir na luta se não esmorecimentos, quando a victoria do nosso programma começa a ser uma realidade na opinião nacional, é um dever tanto mais imperioso quanto fugir d'elle seria anti-patriotico e covarde.

E' facil o cumprimento desse dever aquelles que serviram á liberdade do Rio-Grande sob as ordens do tão eminente Chefe.

O caminho nos deixou elle traçado com abnegação e patriotismo: percorrel-o — é alcançar a victoria e alcançar a victoria e glorificar ao mesmo tempo a sua memoria.

O nosso programma continuará a ser o de 23 de Agosto, sem modificações que não sejam para ampliá-lo.

O nosso triumpho será sob a mesma bandeira que nos tem conduzido, nas luctas de paz e nos combates memoraveis de 93.

Até o dia em que tivermos de entregar ao glorioso partido federalista os poderes de que elle nos investiu, seremos os guardas desta e os defensores d'aquelle.

Isto conseguiremos mantendo-se o partido unido e surdo a qualquer incitamento extemporaneo até que representado por seus delegados, possa eleger novo directorio.

Esta reunião deverá effectuar-se em Bagé, quando ali chegarem os restos queridos do nosso eminente Chefe; solemnidade em que devem fazer-se representar todas as localidades do Estado, como homenagem respectiva do Rio Grande do Sul ao maior de seus benemeritos filhos.

P. Alegre, 19 de Agosto 1901.

Marcelino Augusto C. da Silva.

Vicente Saldanha.

Wenceslau Escobar.

Fortunato Barreto.

Albino Pereira Pinto.